

Jesus é universal para todos os povos. Contudo, perguntamo-nos pela relevância do texto para as comunidades negras: será que deve ser entendido somente como um texto messiânico? Será que a inclusão destes povos ao cristianismo não é mostra também de um cristianismo ecumênico que respeita a diversidade religiosa e cultural? Por que sendo assumidos neste projeto libertador ainda hoje somos excluídas a partir de mentalidades colonialistas, sexistas, racistas e classistas?

2. Para seguir pensando numa hermenêutica negra e feminista

No intuito de recuperação de nossa herança bíblica, a leitura negra e feminista, deseja que o cristianismo e a Bíblia sejam desocidentalizados. Ao tentar resgatar os textos bíblicos de sua unilateral interpretação ocidental, queremos recuperar a participação das mulheres e povos africanos na história israelita e cristã. Ao incorporar a participação das mulheres negras tão marginalizadas e silenciadas pela tradição, queremos propiciar uma pista de entrada na recuperação cultural e religiosa das tradições de nossos povos. O recuperarmos não somente a história de escravidão senão também a história de um povo que tinha riquezas, se quer proporcionar um espaço de denúncia e resistência. De denuncia porque sendo um

povo rico vivemos hoje em miséria graças às ideologias colonialistas, escravistas e racistas. De rainhas passamos a ser escravas, cozinheiras, mal assalariadas, trabalhadoras noturnas e mães solteiras. Espaço de resistências cultural e religiosa, pois nestes textos vemos como as mulheres resistem e inventam estratégias para resistir ao patriarcado. Além disso, vemos importantes elementos para a recuperação de nossa auto-estima. Assim, somos chamadas a denunciar, a desvelar os mecanismos através dos quais se produzem e reproduzem a dominação das mulheres e dos povos negros nos processos históricos de resistência social. Contribuímos assim ao resgate das memórias de luta como fontes de ânimo e vontade histórica de mudanças sociais. Assim, novos caminhos, novas linhas de leitura que apontem à pluralidade religiosa e cultural ajuda-nos a seguir sonhando com uma vida melhor para nossas mulheres ao longo do continente. Em última instância, a hermenêutica negra e feminista da Bíblia quer propiciar um espaço aberto e inacabado em que outras vozes e práticas encontrem seu reconhecimento como construtoras de cultura e conhecimento.

* A autora, Maricel Mena López é colombiana, e atualmente faz doutorado em Antigo Testamento na UMESP.

Quando Falar em Negritude na Bíblia

Peter T. Nash, Ph.D.*

*Tudo tem o seu tempo determinado,
e há tempo para todo propósito
debaixo do céu (...). Eclesiastes 3.1*

Já escrevi neste espaço sobre porque e como falar em Negritude na Bíblia. Por que? Porque ela faz parte da realidade do povo do mundo antigo na região que a

gente hoje chama de Terra Santa. Como? Com muito carinho e com muita atenção aos detalhes que são muitas vezes esquecidos ou ignorados, apesar de serem óbvios nos textos. Nesta última parte da série, vou escrever sobre quando falar em negritude na Bíblia. Esta, talvez, seja a parte mais pastoral e também, mais crítica.

Por isso, *em primeiro lugar* preciso deixar bem claro que ninguém está dizendo que os textos se preocupam com raça ou cor da pele. Nem está sendo colocado que o Evangelho dê preferência a uma "raça" em detrimento de outra. Os textos bíblicos se preocupam com o interagir de Deus com toda a criação; para nós, o que é central é o interagir entre Deus e seres humanos. É com este fato que nos preocupamos quando lemos os textos bíblicos, com as pessoas e como elas perceberam e entenderam as ações de Deus. Este fato implica, então, que tomamos conhecimento das culturas, das crenças e dos conhecimentos do povo envolvido nos textos veterotestamentários.

A conjuntura de como as personagens das histórias entenderam e enfrentaram seu mundo, nos diz muito sobre sua percepção de si mesmas e do próprio Deus. Este é um pressuposto básico do método histórico-crítico ou simplesmente do estudo histórico de qualquer texto. No máximo, o que alcançaremos é nos inserir no mundo e cosmovisão d@s atuantes antigos para melhor entender "o que é que eles entenderam" a fim de nos guiar em nossas tentativas de melhor entender a vontade de Deus em nossos tempos.

Isto nos leva a reconhecer que a própria cultura do povo bíblico tem a ver tanto com seu relacionamento, quanto com seu entendimento intelectual de quem era Deus. Também significa que a maneira pela qual @ leitor@ modern@ entende a cultura do AT, e depois do NT, irá modificar como el@ entende o seu próprio interagir anterior com Deus. Quando entendemos os israelitas como um povo mais ligado às culturas que vieram após eles, como as culturas Grega e Romana, ou então as européias, o povo israelita será entendido, conscientemente ou não, como um povo mais ocidentalizado e não bem diferente de hoje. Por outro lado, quem entender os israelitas como um povo mais ligado com as

culturas circundantes, anteriores e contemporâneas, terá uma outra visão deles, bem distinta.

Em nenhum destes casos é necessário perder o fio vermelho do interagir gracioso de Deus com a sua criação dentre ela, os seres humanos. Acredite eu, que o povo do AT foi um povo AFRO-asiático, talvez melhor, AFRO-israelita. Como já expliquei, no artigo anterior desta série, os dados não apóiam um povo israelita de pele clara. De fato, muitas histórias guiam @ leitor@ para a conclusão que África era a terra originária de vários acontecimentos e costumes do AT.

Negritude então, é *um* elemento em alguns textos e um pressuposto cultural presente em quase todas as narrativas bíblicas até o fim do Exílio (+/-538 a.C.) e a entrada dos Persas na história sagrada. Os Persas foram o primeiro povo não afro-asiático que conseguiu dominar a Terra Santa. É a partir de uma ótica negra e



Batismo - "I Baptize Thee", William H. Johnson

africana que vamos entender costumes como o empréstimo de um filho (no caso de Abrão e Ló em Gn 12-13), o levirato, ou às vezes, a chamada herança da viúva (nos casos de Rute e Boaz, e de Judá e Tamar em Gn. 38). Com este prólogo, começo por elaborar três momentos nos quais devemos falar em negritude na Bíblia.

Devemos falar em negritude na Bíblia quando:

...Nos encontramos nas instituições acadêmicas: Uma discussão animada e franca é necessária para que se tenha uma academia honesta e viva que trabalha com "os fatos como eles são". Talvez serão encontradas algumas outras explicações melhores, mas as faculdades de teologia não podem mais continuar fingindo não perceber os buracos enormes na lógica que pressupõe um mundo veterotestamentário "clarinho".

...Pretendemos fazer uma prédica baseada numa boa exegese do texto e contexto das pessoas que viviam as histórias que são o fundamento de nossa fé cristã: Isto faz diferença sim. Temos problemas no Brasil com as culturas dos povos de pele escura. Várias vezes este preconceito é enganosamente baseado na pressuposta separação rigorosa das "raças" no AT. Trechos tais como Esdras 10 são entendidos como justificativa para um afastamento de qualquer estrangeiro ou estranho. Mas lendo a Bíblia com um olhar sobre as uniões *exogâmicas* (casamento fora do grupo), podemos ver que não houve nenhum desprezo para com as pessoas de pele escura na Bíblia: o grande herói do AT e fundador da fé israelita, Moisés, se casou com uma negra, uma africana etíope. José se casou com uma princesa africana da família sacerdotal no Egito. Sabendo disso, como podemos desprezar uma pessoa por causa da cor da sua pele ou por causa de costumes? Com certeza, isto não é o que nossas Escrituras nos ensinaram.

...Quisermos entregar a Palavra de Deus em

qualquer contexto que inclua afro-descendentes, especialmente com aqueles e aquelas que já estão habituados a se sentir excluídos da história bíblica. Tantas vezes nossos pressupostos equivocados sobre a cara do povo bíblico nos levaram a pregar um evangelho que ataca os povos negros, ou simplesmente aquelas pessoas que parecem ser diferentes de nós, em vez de convidá-las a si reconhecer nas histórias bíblicas. A igreja ocidental, esquecendo que ela é apenas uma parte da igreja católica (= universal), expulsa negros para fora de sua própria história e reconta a história israelita numa forma branqueada, como se fosse uma pré-história europeia. A tarefa, então, é encarar o mundo bíblico com um olhar no sentido da África, seu berço, em vez da Europa, seu filho adotivo.

Quando não devemos...?

Existem pessoas que dirão que qualquer conversação sobre a etnia dos povos e dos indivíduos na história bíblica é uma ameaça ao evangelho. Entendo o medo desta gente. Estas pessoas acreditam que as coisas estão tranquilas com a proclamação do Evangelho e não devemos mexer com questões polêmicas. Outras pessoas acham que discussões como estas fomentarão uma divisão desnecessária entre as pessoas que acham que a Bíblia "não tem cor" e aquelas que acham que "tem sim". Mais ainda, aquelas que acham que a Bíblia tem cor, vão discordar sobre qual seria a sua cor. Além do fato do AT ter várias cores e culturas, sempre é importante lembrar que a "cor da Bíblia" é importante somente na medida em que ela nos ajuda perceber a profundidade do amor de Deus pela sua criação. Quando a "cor da Bíblia" se torna um substituto do próprio Evangelho, ela se torna um impedimento à proclamação e recepção das boas novas.

Também há pessoas que encontram-se tão sofridas com a forma "falsificada" do evangelho europeizado que elas gostariam de ter uma Bíblia totalmente negra e africana. Isto também não serve ao Evangelho. Cometer um erro assim seria a mesma ofensa que os europeus fizeram quando se inseriram nas imagens dos

patriarcas e dos cristãos e cristãs primitiv@s.

* Peter T. Nash é professor de Antigo Testamento e Línguas Semíticas na Faculdade de Teologia e Instituto de Pós-Graduação, da Escola Superior de Teologia. Também é o coordenador do projeto Negritude na Bíblia e na Igreja desenvolvido nesta mesma Instituição. Ele especializa-se na área de Hermenêutica Negra

Notícias de outras terras

Lurdilene da Silva*

*"Vou voltar na primavera.
Era tudo que eu queria.
Levo terra nova daqui"*

Finalmente chegou o dia que tanto desejamos! O fim dos estudos na EST. Digo na EST, porque continuamos a aprender no decorrer do dia a dia. O fim glorioso dos estudos na EST, nos trás muitas alegrias, pois é sinal de que alcançamos nossos objetivos. Entretanto, sentimos também um pouco de tristeza, pois com o fim dos estudos chega também a saudade. Saudade da EST que nos acolheu por no mínimo cinco anos e meio, saudade d@s professor@s que se tornaram amig@s, que nos ensinaram e a quem poderíamos recorrer e pedir ajuda nos momentos de dúvida. Saudade também sentimos d@s amig@s que ouviram nossos desabafos, nossos problemas, nossas confissões e com quem compartilhamos nossos momentos de alegria. Por outro lado, a saída da EST nos enche de expectativas. Saímos com muitas idéias, muitos planos e sonhos que gostaríamos de realizar nas comunidades as quais fomos enviad@s. Saímos com disposição, vontade de trabalhar e fazer bom uso dos conhecimentos adquiridos. No entanto, sabemos que nosso sucesso não depende somente de nossa boa vontade, mas também

da disposição d@s membros das comunidades. Por isso, o frio na barriga, o medo do desconhecido, e até o Morro do Espelho e encarar o mundo das comunidades são sensações presentes e até normais. Saímos da EST, na esperança de um dia voltarmos e reencontrar @s amig@s. Saímos chei@s de terra nova, fertilizadas de conhecimentos e novos conceitos que adquirimos, pront@s para recebermos as sementes que serão plantadas pelas comunidades para as quais iremos. Sementes estas que servirão para nos animar, encorajar e prosseguir no caminho que escolhemos.

Que Deus possa nos abençoar nessa caminhada que iniciamos. Que possamos ser terra nova de esperança, renovação e fortaleza para as comunidades, e que estas possam ser as sementes de ânimo, de ensino e de ensino nesta nova caminhada que iniciamos. Abraços a todo o grupo de consciência negra da EST. Espero poder mandar mais notícias logo.

* Lurdilene da Silva foi escolhida para falar em nome d@s formand@s de 1/01. Ela participava do Grupo de Negr@s da EST por enquanto ela cursou a Faculdade de Teologia e atualmente encontra-se realizando seu Período Prático de Habilitação ao Pastorado na IECLB, em Toledo/PR.